

## HISTÓRIAS E LENDAS AMAZÔNICAS

### 4 – TEATRO AMAZONAS



EM CONSTRUÇÃO

DIAS DE HOJE

O Teatro Amazonas é um dos mais importantes teatros do Brasil e o principal cartão-postal da cidade de Manaus. Localizado no Largo de São Sebastião, no Centro Histórico, foi inaugurado em 1896 para atender ao desejo da elite amazonense da época, que idealizava a cidade à altura dos grandes centros culturais.

A descoberta do látex (1763) – seiva produzida pela seringueira, planta originária da Amazônia – e, principalmente, do processo de vulcanização (1839) fez com que a borracha se tornasse uma das matérias-primas mais procuradas do mundo. No Brasil, as cidades de Belém e Manaus se transformaram em centros culturais por terem seu desenvolvimento atrelado à produção e comercialização da borracha (1879-1912). Elas abrigavam inúmeras pessoas de várias regiões do Brasil e do exterior que vinham para trabalhar e investir na coleta do látex. Foi nesse período, conhecido como “CICLO DA BORRACHA”, que o deputado A. J. Fernandes Júnior, apresentou à Assembleia Provincial do Amazonas o projeto arquitetônico, de autoria do Gabinete Português de Engenharia e Arquitetura de Lisboa, para erguer o Teatro Amazonas. Coordenadas pelo arquiteto italiano Celestial Sacardim, as obras começaram em 1884, tomaram impulso nos anos de 1890-1891, foram interrompidas, retomadas em 1893 e, finalmente, o Teatro foi inaugurado no dia 31 de dezembro de 1896. A construção de um teatro na cidade de Manaus foi uma exigência daquela região que passou a conhecer um progresso econômico e cultural sem precedentes a partir do interesse mundial na seiva das seringueiras da floresta amazônica.

Principal símbolo cultural e arquitetônico do Estado, o Teatro Amazonas, mantém viva boa parte da história do ciclo da borracha, época áurea da capital amazonense, surpreende e encanta pela imponência.

Para a realização da obra foram trazidos da Europa não apenas profissionais como arquitetos, construtores, pintores e escultores, mas, também, diversos materiais: mármore de Carrara, lustres de Murano, peças de ferro trabalhado da Inglaterra e telhas da França. O decorador Crispim do Amaral ficou encarregado da decoração interna, exceto o Salão Nobre, que foi entregue ao artista italiano Domenico de Angelis. Nesse Salão, que tem características barrocas, o piso de madeira brasileira e européia exige cuidados para que sua beleza se perpetue. Nele, os barões da borracha se encontravam quando do intervalo das representações teatrais e dele se utilizavam para realizar os seus bailes. A pintura do teto, obra-prima de autoria de Domenico, é denominada A Glorificação das Bellas Artes na Amazônia. Por ser o Brasil um país de dimensão continental, os brasileiros residentes em outras regiões,

por vezes, não se dão conta da riqueza gerada ao país por meio da extração do látex, abundante nas seringueiras. O Teatro Amazonas também é considerado um dos mais importantes do país e do mundo e, claro, um dos cartões postais de Manaus.

O Teatro Amazonas construído em estilo renascentista, com projeto escolhido pelo Instituto Português de Engenharia e Arquitetura de Lisboa. A ideia era que a capital amazonense tivesse uma casa de ópera à altura do poderio da elite local. E assim foi feito. Uma casa de espetáculos em alvenaria, cuja pedra fundamental foi colocada em 1884. A maioria da mão de obra técnica foi trazida da Europa, porém a decoração interna ficou nas mãos do pernambucano Crispim do Amaral e do italiano Domenico de Angelis.

Com capacidade para 700 pessoas, a sala de espetáculos está dividida em plateia e mais três níveis de camarotes.

O visitante fica surpreso com o luxo de sua decoração: lustre dourado com cristais, importado de Veneza; cortinas estofadas; poltronas; teto pintado na França, representando a Torre Eiffel vista de baixo. “Destacam-se os ornamentos sobre as colunas do pavimento térreo, com máscaras em homenagem a dramaturgos e compositores clássicos famosos, tais como Ésquilo, Aristófanes, Molière, Rossini, Mozart, Verdi e outros. Sob o teto abobadado estão afixadas quatro telas pintadas em Paris pela Casa Carpezot - a mais tradicional da época, em que são retratadas alegorias à música, à dança, à tragédia e uma homenagem ao grande compositor brasileiro Carlos Gomes”. Impossível não ficar hipnotizado com o teto côncavo, no qual estão quatro telas pintadas em Paris pela tradicional Casa Carpezot. Ao centro, um majestoso lustre de bronze francês.

O Pano de Boca do Teatro Amazonas é outra raridade. Foi confeccionado em 1894, pelo artista brasileiro Crispim do Amaral, e descreve o encontro dos rios Negro e Solimões/Amazonas. Originalmente foram confeccionados três panos frontais para o palco utilizando-se pintura a óleo sobre tecido. Hoje, temos preservados apenas dois, sendo um em uso e outro em restauro. O primeiro pano representa o fim da Monarquia no Brasil, percebe-se o desenho de uma cortina sobrepondo o brasão da Família Real. Fim de ato!

O segundo pano, em restauro, traz a pintura “O Encontro das Águas do Rio Negro e Rio Solimões” de Crispim do Amaral. Um detalhe importante é que o pano não é dobrado ou enrolado, fica fixo, movimentando-se apenas na vertical. Este cuidado é fundamental para a preservação das obras.

No Salão Nobre, onde aconteciam os grandes eventos sociais da época, destaca-se a pintura do teto feita por Domenico de Angelis, em 1899, e que foi batizada de “A glorificação das Bellas Artes da Amazônia”.

As quatro alegorias que remetem à tragédia, ópera, dança e música, são representadas nesta obra. Destaca-se, na representação da ópera, o celebrado Carlos Gomes, grande nome da ópera no Brasil no fim do século XIX. O que chama a atenção é o fato das pinturas terem sido feitas em tecidos lonados, imitando as típicas tapeçarias do século XVIII, e eternizados pela família Gobelin. Isso explica porque a obra é chamada de falso Gobelin. A história nos conta que o pintor idealizou em sua obra arcos de abóboda simulando a sustentação do lustre, originário da Casa Italiana Murano.

Já a lenda... diz que a estrutura é uma homenagem aos franceses simbolizando a estrutura da Torre Eiffel. Historiadores desafiam a lenda ao afirmarem que a torre, à época da pintura, não possuía a representatividade que ganhou ao longo do tempo e, à época, ainda era muito questionada por parte dos franceses. A obra não foi assinada e por isso não se sabe se fora realizada por Crispim do Amaral ou um pintor do atelier contratado.

No teto, a pintura de De Angelis, “A glorificação das Belas-Artes na Amazônia”, nos presenteia com elementos regionais e clássicos sob sua perspectiva e olhar. Um contraponto entre a civilização que chega e as belezas que aqui estão.

O Salão Nobre se encarrega de dar a dimensão artística deste espaço para o teatro. Ao entrar no salão é impossível permanecer com o olhar fixo em algum lugar. A cabeça gira, o pescoço entorta, e a visão lhe conduz a um êxtase de percepções.

Nas paredes do Salão, são retratadas as belezas da floresta tropical, o avanço tecnológico (como o barco a vapor) e, uma das obras mais impactantes, mostra Peri salvando Ceci no clássico romance “O Guarani”, de José de Alencar.



A Cúpula, concebida pela Casa Koch-Frères de Paris em 1895, tem estrutura em aço e revestida de cerâmica policromada. As telhas vidradas e esmaltadas vieram da Alsácia, região entre a Alemanha e e a França, em forma de escamas de peixe. Nos dias de hoje, é parte indissociável da obra, permanecendo acessa sempre que ocorre alguma atividade artística no teatro. Possui um mosaico colorido em verde, azul e amarelo, uma menção às cores da bandeira brasileira.

A obra mais importante está no teto e foi a última a ser concluída. Em "O Olimpo dos Artistas", anjos estão sobre a Floresta Amazônica. Trata-se de uma pintura em perspectiva do artista Domenico de Angelis. A obra levou dois anos para ficar pronta. A cúpula chama a atenção e pode ser vista de vários pontos na área central da cidade. Ela é constituída de 36 mil peças em cerâmica esmaltada e telhas vitrificadas, vindas da Alsácia. Foi adquirida na Casa Koch Frères, em Paris. Inicialmente frequentado pela elite da Belle Époque, o Teatro Amazonas já recebeu diversas óperas, shows, peças teatrais e muitos outros eventos que marcaram seus 120 anos.

A história de apresentações teve início no dia 7 de janeiro de 1897, quando foi realizada a apresentação da famosa Companhia Lírica Italiana, que encenou, em avant première, 'La Gioconda', de Amilcare Ponchielli.

Desde então, nomes como o tenor espanhol José Carreras, a banda White Stripes, o ex-integrante da banda Pink Floyd, Roger Waters, o violonista Yamandú Costa, a atriz e cantora Bibi Ferreira, e a grande dama do teatro, Fernanda Montenegro, se apresentaram em solo manauara, deixando suas marcas no teatro, hoje considerado Patrimônio Histórico Nacional.

Tombado como Patrimônio Histórico Nacional em 1966, o Teatro Amazonas preserva parte da arquitetura e decoração originais. O estilo arquitetônico é renascentista, com detalhes ecléticos. Na área externa, a famosa cúpula chama a atenção pela exuberância, composta por 36 mil peças nas cores da bandeira brasileira, importadas da Alsácia, na França. A maior parte do material usado na construção do teatro foi importada da Europa: as paredes de aço de Glasgow, na Escócia; os 198 lustres e o mármore de Carrara das escadas, estátuas e colunas, são da Itália.

**Museu – A mais importante casa de espetáculos do Amazonas tem, ainda, um museu com peças que ajudam a contar sua história, como as maquetes de óperas do compositor alemão Richard Wagner, concebidas pelo designer e cenógrafo inglês Ashley Martin-Davis, para as montagens do ciclo do “Anel do Nibelungo” em diferentes edições do Festival Amazonas de Ópera (FAO). São oito obras que estão expostas no 2º pavimento.**

**O bailarino amazonense Marcelo Mourão Gomes tem um espaço especial no museu, onde estão expostas, entre muitos outros itens, as sapatilhas com as quais se apresentou pela primeira vez no TA, em 1999, com o espetáculo “Marcelo Mourão dança na floresta”. No quesito sapatilhas, também estão em exposição as de Mikhail Baryshnikov e Ana Laguna, que apresentaram o espetáculo “Três solos e um dueto”, em 2010; e de Margot Fonteyn, que esteve no Teatro Amazonas em 1975, com o The Royal Ballet.**

**Também já passaram pelo palco do Teatro muitos outros artistas internacionais, entre eles, o tenor José Carreras, Roger Waters, as bandas Spice Girls e The White Stripes; assim como os brasileiros Heitor Villa-Lobos, Milton Nascimento, Ana Botafogo e Bibi Ferreira.**

**Atualmente, é o palco de grandes eventos realizados pela Secretaria de Estado de Cultura (SEC), como o Festival Amazonas de Ópera e os festivais de Dança e Teatro; de espetáculos eruditos como os apresentados pelos Corpos Artísticos es tatais; e também populares, beneficiando artistas locais de diversos gêneros.**

#### **Curiosidades:**

- **A primeira ópera encenada foi a La Gioconda, baseada em Victor Hugo, século XVII, e ambientada originalmente em Veneza, Itália.**
- **Ao longo de sua história passou por dois importantes restauros, 1974 e 1990. Algumas características mudaram ao longo do tempo em função de necessidades contemporâneas, como a ventilação do Teatro que fora planejada em uma época que não existia o ar condicionado e que, em função do crescimento da cidade e do conhecido calor de Manaus, teve que ser repensado. Alterando inclusive as poltronas usadas nos dias de hoje.**
- **Em 1926, uma reforma “criminosa” alterou partes do seu interior ao retirar peças de ferro, madeira, pisos de pinho de Riga e esculturas. Até 1930, ainda se tem relatos de assaltos ao patrimônio público.**
- **Sua cor original, de 1897, era cinza e branco e somente em 1960, recebe a cor rosa. No restauro de 1974, retornou às cores originais, porém de baixo de polêmicas. Em 1990, é pintado com uma cor rósea especialmente elaborada para o teatro.**
- **Pela beleza e magnitude, tanto interna como externa, o Teatro Amazonas serviu como cenário até para filmes internacionais como “Fitzcarraldo” de Werner Herzog em 1982 e o desenho animado “Rio 2”. Também foi pano de fundo para minisséries e livros.**

**O camarote central era tratado com mais pompa e requinte que os demais e era destinado às autoridades da época. Tradição mantida até os dias de hoje, onde só o Governador do Estado pode utilizá-lo, ficando vazio grande parte do ano. No início do século XX, a produção da borracha no Brasil entrou em crise. Países como a Malásia, Ceilão (atual Sri Lanka) e África tropical passaram a fabricar látex com maior eficiência, com custos menores e, por isso, assumiram o controle do comércio mundial. A estagnação da economia da região amazônica foi quase imediata e deixou marcas profundas: queda na receita dos Estados, desemprego, êxodo rural e urbano, sobrados e mansões completamente abandonados, e, principalmente, completa falta de expectativas em relação ao futuro para os que insistiram em permanecer na região.**

**O Teatro Amazonas não foi poupado. Em 1924, fechou. A partir de então, abriu raras vezes ora para pequenos espetáculos ora para eventos cívicos.**

Em 1966, foi o primeiro monumento tombado em Manaus pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional (Iphan). Sofreu reformas em 1929, 1962, 1974, 1985, 1990 e 2001, quando recebeu uma restauração nas argamassas das fachadas e pintura. Em 1990, foi reinaugurado.

A partir da primeira edição do Festival Amazonas de Ópera (1997) e outras edições que se seguiram, o Teatro Amazonas retomou o seu apogeu.

O Teatro Amazonas é símbolo da prosperidade brasileira que até hoje atrai visitantes do mundo inteiro. Uma joia encravada na Amazônia.

**Endereço: Av. Eduardo Ribeiro, 659 – Centro – Manaus/AM**  
**Há acessibilidade para deficientes físico, visual e auditivo.**

**Paulo Almeida Filho – Mestre Maçon AM**

Fonte: GOOGLE

O Teatro Amazonas é símbolo da prosperidade brasileira que até hoje atrai visitantes do mundo inteiro. Uma joia encravada na Amazônia.

